

TOXICOMANIA E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: ARTICULAÇÕES

ADDICTION AND CONTEMPORARY SOCIETY: JOINTS

TALITA ALVES DIAS^{1*}, FRANCIELLE GONZALEZ CORREIA^{2*}

1. Acadêmica do curso de graduação em Psicologia da Faculdade Ingá; 2. Mestre em Psicologia. Psicanalista. Professora na graduação de Psicologia da Faculdade Ingá.

* Avenida Andirá, 99, Doutor Camargo, Paraná, Brasil, CEP: 87155-000. talitadiaspsi@outlook.com

Recebido em 02/06/2015. Aceito para publicação em 08/09/2015

RESUMO

O uso de drogas sempre esteve presente em diversas culturas, porém, constatou-se que na sociedade pós-moderna ou contemporânea, houve um aumento frenético de uma forma de uso particular, a toxicomania. Esse aumento tem causado grande preocupação social. Assim, o presente trabalho, tem como temática a relação que existe entre sociedade pós-moderna ou contemporânea, e sua influência na toxicomania. Com tal efeito, o objetivo da presente pesquisa será o de definir o que é toxicomania, bem como o que é sociedade pós-moderna, além de verificar a existência da relação entre a influência da sociedade pós-moderna na toxicomania. A pesquisa é bibliográfica, e, portanto, uma revisão de literatura a respeito da temática pesquisada. Os resultados encontrados foram que a toxicomania seria um sintoma da compulsão cultural, sintoma este, que torna o toxicômano um perfeito consumidor. Dessa forma, compreendemos que existe uma ligação entre o discurso capitalista e a toxicomania. Assim, as características da pós-modernidade, como a prática de consumo, o desemprego e uma cultura narcísica estariam então ligadas à toxicomania.

PALAVRAS-CHAVE: Toxicomania, sociedade contemporânea, novas patologias.

ABSTRACT

Drug use has always been present in many cultures, however, it was found that in postmodern society or contemporary, there was a frantic increase in a form of private use, drug addiction. This increase has caused great social concern. The present work has as its theme the relationship between post-modern or contemporary society and its influence on drug addiction. With this effect, the objective of this research will be to define what addiction is and what is postmodern society, in addition to verifying the existence of the relationship between the influence of postmodern society in drug addiction. The research is literature, and therefore a literature review about the researched topic. The results were that drug addiction would be a symptom of cultural compulsion, this symptom, which makes the drug addict a consumer perfect. In this way, we understand that

there is a link between the capitalist discourse and drug addiction. That way, the post-modern features, such as the practice of consumption, helplessness and a narcissistic culture would then be linked to drug addiction.

KEYWORDS: Addiction, contemporary society, new pathologies.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre as articulações feitas pela literatura recente entre dois temas, a saber, em destaque nos dias atuais: A toxicomania e a sociedade pós-moderna de consumo.

Muito se discute atualmente sobre a toxicomania, sobre os problemas que ela representa para o sujeito, sua família e para a sociedade em geral. Em reportagens da revista Veja de 2014, segundo dados da ONU, 183.000 pessoas morreram em 2012 devido ao uso de drogas, e em 2013, estima-se que 246 milhões de pessoas, um pouco mais de 5% da população mundial, com idade de 15 a 64 anos tenha feito uso de drogas ilícitas em 2013. No mesmo ano, a mesma discorreu que as campanhas contra o uso de drogas chamadas “assustadoras” não tem mais efeito, isto é, os usuários têm plena consciência dos malefícios que o consumo de drogas traz, mas não se importam com os mesmos. Assim, manchetes como estas, apontam para a relevância da reflexão acerca do tema.

Segundo Birman (1946)¹ pode se afirmar seguramente que existe um crescimento significativo das toxicomanias nas últimas décadas no ocidente. Além disso, para ele, se construíram novas modalidades de toxicomania, anteriormente inexistentes, o que é perfeitamente constatável pelas pesquisas epidemiológicas e pela experiência clínica.

Desta forma, o presente trabalho se torna pertinente, pois, é importante refletirmos sobre a influência dos aspectos sociais nas formas de subjetivação do sujeito. Sabemos que somos influenciados pela cultura na qual

vivemos, mas como? Quais as ideologias e modos de viver da contemporaneidade que podem estar relacionados ao aumento da toxicomania?

O intuito desta pesquisa será responder a questão supracitada. Pretende-se aqui apresentar ao leitor o que a literatura científica atual aponta enquanto relação existente entre a toxicomania e a sociedade contemporânea.

O interesse pelo assunto nasce com a toxicomania, com uma indagação antiga de como alguns sujeitos fazem da droga seu único objeto, e acabam vivendo apenas para consumir e serem consumidos por ela. Mais tarde, com a ampliação do conhecimento sobre o assunto pode-se perceber que o consumo de drogas existe há milênios, mas que, como menciona Giacobone (2012)² para cada cultura e sociedade e em cada momento histórico, ela recebe uma significação diferente, percebendo assim a influência que o momento histórico e as formas de organização da cultura têm diante do consumo de drogas.

Pretende-se aqui delinear as noções de toxicomania e sociedade contemporânea, bem como explicitar, o que a literatura científica atual aponta sobre as implicações desta forma de organização social na produção de sujeitos toxicômanos.

Esse estudo se faz na interface entre psicanálise e sociologia e se apresenta em três tópicos, a saber: A toxicomania, A Pós-modernidade e sociedade de consumo e as implicações da pós modernidade e sociedade de consumo na constituição de sujeitos toxicômanos.

No primeiro tópico, é apresentado o conceito de toxicomania, utilizando alguns autores como Freud, Kalina, Guirfinkel e Birman. Na segunda parte, é relatada a passagem de modernidade para pós-modernidade, e também o que se compreende por narcisismo sociológico, ou melhor, por que a sociedade contemporânea pode ser considerada narcísica, na qual são utilizados autores como Lasch, e Bauman.

Na terceira parte, é respondido o problema de pesquisa, para tanto, é utilizado a literatura recente para apontar a relação entre sociedade pós-moderna e sua influência na toxicomania, bem como o modo de viver presente em nossa sociedade pode ter uma grande influência para a produção de sujeitos toxicômanos. Aqui, serão utilizados alguns autores como Gori, Pacheco Filho e Santi.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho consiste em uma pesquisa realizada por um levantamento bibliográfico para sua construção. A pesquisa será classificada como bibliográfica, segundo Gil (2006)³, pois, “tal pesquisa concebida através de [...] material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Assim, o levantamento de informações é feito através da literatura existente, de produções teóricas sendo que, “os livros constituem as

fontes bibliográficas por excelência. Em função de sua forma de utilização, podem ser classificados como de leitura corrente ou de referência”, conforme aponta Gil (2006)³.

A coleta das informações se deu por meio da busca em periódicos específicos, livros e dissertações que contemplaram o conteúdo abordado, além de pesquisas que foram realizadas no banco de dados Google acadêmico. Nestes meios eletrônicos foram utilizados os seguintes descritores: toxicomania e sociedade contemporânea, novas patologias, toxicomania e contemporaneidade. Com o descritor, toxicomania e sociedade contemporânea, foram encontrados 9.320 artigos, das quais alguns, aqui mencionados, foram escolhidos para contribuir com a presente pesquisa.

3. DESENVOLVIMENTO

Toxicomania

Freud (1930/1996)⁴ em o “Mal-estar na civilização” referia-se ao uso de drogas como uma das medidas paliativas de se fazer durar a felicidade, isto é, como forma de enfrentamento e amortecimento de preocupações, já que a vida se apresenta com dores, frustrações e perdas, intoxicar-se então, segundo Freud, seria um tipo de defesa em relação ao mal-estar causado pela não satisfação das pulsões, portanto, uma forma de alívio do sofrimento psíquico.

Várias são as formas de uso de drogas ao longo de toda a história da civilização, mas hoje percebemos que, a forma de consumi-la mudou, uma vez que ela vem tomando cada vez mais espaço da vida do sujeito. A toxicomania, essa maneira aditiva de consumo de drogas que se tornou uma questão de saúde pública, é diferente do que Freud nos relata em 1930. Por isso, temos quer saber claramente a diferença entre usuários de drogas e toxicômanos, pois de acordo com Birman (1946)¹ os toxicômanos:

Se diferenciam pela dimensão compulsiva, que marca a ingestão da droga. Os usuários de drogas podem se valer da droga para seu deleite e em momentos de angústia, mas a droga nunca se transforma na razão maior de suas existências. Os toxicômanos, porém, são compelidos à sua ingestão por forças físicas e psíquicas poderosas. As drogas passam a representar, para esse grupo, o valor soberano na regulação de sua existência.¹

O toxicômano tem então uma personalidade aditiva, assim, segundo Guirfinkel, (2011)⁵ “A adicção é o uso compulsivo de determinado objeto, a pessoa se sente impelida ao uso do objeto, e se vê incapaz de deixar de fazê-lo”. O objeto nem sempre é a droga, existe uma multiplicidade de objetos de adicção. Com isso, para Winnicott apud Gurfinkel (2011)⁵ o que caracteriza uma adicção não é o objeto usado, mas o uso que se faz do objeto.

Na toxicomania, o objeto que é alvo do uso compulsivo da adicção, é a droga. A toxicomania, dessa forma, é caracterizada pelo uso intensivo e único com a droga, não havendo assim, outros objetos para sua satisfação. De acordo com Serretti (2011/ 2012)⁶

A toxicomania é uma relação intensa e exclusiva, na qual, do ponto de vista econômico, o uso de drogas já se tenha estabelecido também como uma função psíquica, [...] o importante na toxicomania é a posição que o sujeito se coloca diante da substância, a relação exclusiva que acaba por levar a uma fixação pulsional [...].⁶

Para entender melhor a respeito da adicção, é interessante se pensar a etimologia da palavra, uma vez que seu conceito proporcionará um amplo entendimento no que se refere à posição que a droga tem na vida do sujeito. Nesse sentido, “Adctu” na Roma antiga, significava alguém que não conseguiu pagar sua dívida, ficando assim escravo do credor como forma de pagamento, o que torna objeto do seu objeto, que ganha por sua vez, o status de dono da situação⁵.

Kalina (1980)⁷, antes de Guirfinkel, (1995)⁸ também versa sobre a origem do conceito de adicção, de acordo com o autor, a palavra “addictum” era um adjetivo usado para o homem que para pagar a sua dívida se transformava em escravo, já que não tinha dinheiro para saldar a mesma. Para o autor (1988, p.24:.

O adicto aparece, assim, como despojado: é aquele que perdeu sua identidade, e, simultaneamente, adotou uma identidade imprópria como única maneira possível de saldar sua dívida. Através da renúncia à sua identidade verdadeira, mas insustentável, o adicto restabelece o equilíbrio social perdido em virtude de sua inadimplência. Adicto era aquele que eludia a dissolução total de sua existência apelando para a aceitação em público de sua falta de direito a uma identidade pessoal. Para ser alguma coisa, devia aceitar que não era ninguém.⁸

De acordo com Freud (1921)⁹, em *Psicologia das massas e análise do eu*, não é possível separar psicologia individual de grupal, ou seja, o indivíduo está imerso na sociedade, não há como pensá-lo de forma isolada de sua cultura da sociedade na qual vive. Por conta disso, devemos considerar as mudanças que vem juntamente com a pós-modernidade para se pensar no sujeito toxicômano. Segundo Birman (1946)¹, com a mudança da cultura, os modos de subjetivação também sofrem mudanças, e hoje na sociedade pós-moderna, verificamos o aparecimento de novas patologias do narcisismo, dentre elas, a toxicomania.

Para Guirfinkel (1995)⁸, é importante entendermos sobre o narcisismo, pois a estrutura da toxicomania é uma estrutura narcísica. Nesse sentido, no narcisismo, o Eu é tomado como objeto de investimento libidinal, investimento este, que sempre permanece de alguma maneira. A lógica do narcisismo se resume em sujeito/objeto que ama

a si mesmo, é com o afastamento da realidade e de anulação do princípio de realidade, que ele busca a realização alucinatória de desejos.

Nesse sentido, Guirfinkel (1995)⁸ relaciona as adições com a masturbação, ou seja, com o autoerotismo. A hipótese levantada é de que a toxicomania seria uma atividade sexual autoerótica, bem parecida com a sexualidade polimorfa perversa infantil, pois ela também está voltada para o eu, ou seja, a criança goza com seu próprio corpo. Assim, Guirfinkel pontua que (1995)⁸:

A atividade autoerótica seria uma tentativa do sujeito se tornar independente do mundo exterior, ou de construir um objeto que não entra em contradição com o seu desejo, o prazer narcisista em transformar o objeto em uma parte de si mesmo”, com isso percebemos que a dependência do toxicômano é uma afirmação desesperada de independência.⁸

A falta é a ferida narcísica, importante para que seja instaurado no sujeito a lógica pulsional que o faz desejar, sendo o desejo, o motor da vida. Mas, o desejo nem sempre é algo saudável e positivo para vida, pois, vivemos em um tempo onde novas formas de subjetividade aparecem, e assim, através de novas formas de viver, a sociedade muda, e o sujeito muda também, com isso, as falhas narcísicas que causam a falta - que deveria ser o motor da vida - pode levar a novas patologias como a toxicomania. Dessa forma, ela pode ser pensada, como uma maneira de se haver com as falhas narcísicas. Nesse sentido, é muito importante o que Guirfinkel (1995)⁸ nos diz:

A falta constitutiva, se por um lado é motivo de uma impossibilidade de satisfação plena, por outro é o motor da própria vida psíquica. Aqui surge o desejo, pois diante dessa não satisfação é que se origina um impulso de reinvestimento das marcas mnêmicas das experiências de satisfação. É pela impossibilidade da alucinação total da satisfação que surge o desejo⁸.

A falta mostra a falha na onipotência, sendo esta, a ferida narcísica. Por conta disso, a droga muitas vezes é investida como objeto ideal, e levará ao afastamento da realidade.

Neste sentido, transformar um objeto em ideal e identificar-se com ele é uma maneira de operar um controle onipotente que abarca o objeto, o eu e a relação entre os dois, ou seja: qualquer realidade que possa ser vivida como fonte de desprazer. No caso da toxicomania, a construção de um objeto ideal que é sobreposto a droga é realimentada em feed-back pelo próprio efeito que a droga provoca no organismo: a viagem como neo-realidade confirma o poder desse objeto- com o qual se está identificado- de apagar a frustração por uma mágica ilusionista⁸.

Para Birman (1946)¹ os usuários de drogas poderiam pertencer a qualquer estrutura psíquica, ou seja, psicose, neurose ou perversão. Já os toxicômanos “se

inscrevem na estrutura psíquica da perversão em que a droga funciona como objeto fetiche” (1946, p.238). Percebemos assim, que a lógica da toxicomania está inscrita na perversão.

A Pós-Modernidade E A Sociedade De Consumo

Para se falar de pós-modernidade, é preciso que se fale sobre a modernidade, pois alguns autores consideram que a pós-modernidade seja uma continuação da modernidade, só que com uma exacerbação dos valores da modernidade¹⁰. Já outros autores como Birman¹, não acreditam na ideia de continuidade da modernidade, mas em uma ruptura, ou seja, a pós-modernidade não seria uma continuação desta última.

Para Santi (2005)¹¹ a modernidade começa quando se rompe com a tradição medieval, acredita-se que esse processo de mudança do pensamento ocidental tenha se iniciado no século XVII. Com essa ruptura do pensamento medieval, “ocorre à perda de referências tradicionais”.

Não é mais a vontade de divindade e entidades que garantem ou definem o sentido do agir humano, é o próprio sujeito quem do significado a sua existência. O próprio indivíduo é responsável pelo progresso ou decadência da sua vida. O movimento iluminista, grande propagador do projeto moderno, depositou uma confiança cega e ilimitada na razão¹⁰.

Podemos perceber nesse sentido, que ocorre uma valorização do homem, pois as crenças religiosas perdem forças, uma vez que agora, é o homem que é responsável pelo progresso ou decadência “[...] o homem se torna centro, a medida do conhecimento em que tudo está estritamente ligada à razão”¹⁰.

A sociedade pós-moderna é o lugar onde tudo é permitido, misturado, aqui, não existem mais referências, as crenças, rituais e o simbolismo, não existem mais, e até “deus está morto”, como discorre Birman (1946)¹. A morte de deus, a queda da função paterna, faz com que o desamparo esteja muito presente na pós-modernidade, “Desamparo humano aumentou muito na dita pós-modernidade, pois, com o fim das utopias e dos messianismos alimentados pela modernidade, não há mais como fazer obstáculos às dores e desesperanças produzidas na atualidade”¹.

Sobre a queda da função paterna Cabas (2009)¹² afirma:

Figura paterna tendo perdido seu estatuto- de encarnar uma referência, a imagem do pai tornou-se uma figura anacrônica com a consequente perda de autoridade. É o que se conhece como “decaimento do pai, o desfalecimento da paternidade, a queda da função paterna”. Um argumento em que a função, a pura função do nome-do-pai, é literalmente suplantada por imagens e figuras de acordo com uma lógica que ama as figurasões.

Para Lasch (1983)¹³ vivemos em uma sociedade pós-moderna narcisista, pois o individualismo foi levado ao extremo, diante disso, o autor nos explicita que o narcisismo acabou se transformando em metáfora da condição humana:

Reprodução mecânica da cultura, a proliferação de imagens visuais e auditivas na “sociedade do espetáculo”. As câmaras e os aparelhos de registro, não somente transcrevem a experiência, como alteram sua qualidade, dando a muitos aspectos da vida moderna o caráter de uma enorme câmara de eco, uma sala de espelhos. A vida se apresenta como uma sucessão de imagens ou de sinais eletrônicos, de impressões registradas e produzidas por meio da fotografia, filmes [...] ¹³.

Ainda segundo o autor, este, nos descreve que vivemos em uma sociedade que se preocupa com a performatividade, para que assim segundo ele, alcance seu tão esperado, brilho social. Para Birman (1946)¹:

Nessa leitura, pois, o sujeito se desdobra nas ideias de exterioridade e teatralidade. Voltada para a existência no espetacular, a individualidade se configura pelos gestos constitutivos de seu personagem [...] Assim, o que importa é a performatividade de sua inserção no espetáculo da cena social¹.

Percebemos assim, que o que está em jogo nessa cultura do narcisismo, é que o eu seja saldado e glorificado, pois nesse palco da cena social, é importante que o sujeito esteja preocupado com a performance. “A economia narcísica da individualidade é valorizada e incrementada ao máximo, e só o que interessa são as gesticulações performativas na cena espetacular do mundo. Assim, a existência do sujeito se constitui pelo eixo da sua estetização”¹.

Um marco importante também da passagem da modernidade para a pós-modernidade, de acordo com Lasch (1983)¹³, é que na modernidade havia uma crença muito forte no poder da ciência. Hoje na pós-modernidade, a ciência já não exerce tanta influência como antes, pois é como se as pessoas estivessem desacreditadas dela.

Ainda conforme o autor, existe a ideia de enfraquecimento do sentido de tempo histórico, porque hoje lidamos de maneira diferente com o que o autor chama de, “desastres”. Segundo ele, já não acreditamos mais que a sociedade possa ser modificada, e pensamos somente em sobreviver ao presente.

Viver para o momento é a paixão predominante- viver para si, não para os que virão a seguir, ou para a posterioridade. Estamos rapidamente perdendo o sentido de continuidade histórica, o senso de pertencermos a uma sucessão de gerações que se originam no passado e que se prolongarão no futuro [...] Uma vez que “a sociedade” não tem futuro, faz sentido vivermos somente para o momento, fixarmos nossos olhos em nossos próprios “desempenhos particulares”¹³.

Outra característica da sociedade contemporânea ou sociedade narcísica, segundo Santi (2005)¹¹, é que aqui, a forma de consumir muda, pois, não está em jogo mais a função do objeto ou para que necessidades ele vem aplacar. Hoje, a propaganda consegue fazer com que os indivíduos busquem sua identidade por aquilo que consomem na sociedade contemporânea e narcísica, “você é o que você consome”.

Do consumo direcionado as necessidades, passou-se ao consumo direcionado a satisfação de desejos de um sujeito moderno, rico em fantasias em seu mundo interno, e, no mundo contemporâneo, o movimento teria sido reduzido a seu elemento mínimo: a compulsividade pura, segundo o modelo de vícios¹¹.

Bauman (2001)¹⁴ em *Modernidade Líquida*, faz uma reflexão sobre nossa sociedade contemporânea a respeito de como o nosso consumo não é mais visado à necessidade, e sim, ao desejo. As campanhas publicitárias não usam mais estímulos, mas sim, desejam criar “fantasias desejosas”. Com isso, Bauman (2001)¹⁴ explicita:

O desejo, entidade muito mais volátil e efêmera, evasiva e caprichosa, e essencialmente não referencial que as “necessidades”, um motivo autogerado e autotropelido que não precisa de outra justificção ou “causa”. A despeito de suas sucessivas e sempre pouco duráveis retificações, o desejo tem a si mesmo como objeto constante, e por essa razão está fadado a permanecer insaciável.

O autor utiliza ainda, o termo corrida, pois para ele cada membro da sociedade está correndo, ou seja, vivem comprando a todo o momento, “e as possibilidades são infinitas, e o volume de objetos sedutores”¹⁴, mas todas têm data de validade, porque não existe um ideal a ser alcançado, é uma constante corrida, que sempre precisa estar sendo renovada. Nesse sentido, de acordo com Bauman (1925)¹⁴:

O arquétipo dessa corrida particular em que cada membro de uma sociedade de consumo está correndo (tudo em uma sociedade de consumo é uma questão de escolha, exceto a compulsão da escolha- a compulsão que evolui até se tornar um vício e assim não é percebida como compulsão) é a atividade de comprar.

Conforme o autor, diante dessa situação explicitada, as pessoas não acabam comprando somente produtos, mas também, modos de viver, compram imagens, vendem sua própria imagem, “modos de fazer com que os outros acreditem que somos o que vestimos”¹⁴. As relações também são permeadas por essa ideia, esse modo de agir do consumo, se a relação deixou de agradar ou queremos nos desfazer de determinado amigo, os devolvemos para a prateleira e seguimos com a compra, pois a lista não tem fim¹⁴.

Assim, Birman (1946)¹ faz uma interessante reflexão sobre como a ideia de loucura era associada a estar fo-

ra-de-si. Outra ideia dita por ele, era a de que a loucura estaria desvinculada da razão. “Pois estando fora de si o sujeito perderia sua capacidade pensante”. Depois, o autor nos aponta que¹:

O que caracteriza o autocentramento da subjetividade na cultura do narcisismo é justamente o excesso de exterioridade [...] Se examinarmos essa nova modalidade de fora-de-si, depreenderemos que se trata de uma forma perversa de existência, isto é, justamente o contrário da existência da psicose¹.

Posto isto, Birman (1946)¹ relata que diferentemente da psicose, esse novo sujeito fora-de-si não é excluído socialmente, pelo contrário, esse sujeito é valorizado pela pós-modernidade. Esse sujeito que está emergido na cultura do autocentramento, isto é, a estetização da existência, o que é importante é a “exaltação gloriosa do próprio eu, cuidado excessivo com o próprio eu se transforma assim em objeto permanente para admiração e alcançar o brilho social”¹. Ou seja, o que esse sujeito deseja é capturar o olhar do outro, para ter sua admiração. A respeito do sujeito da exibição e da exaltação do eu, o autor nos diz:

A cultura da imagem é o correlato essencial da estetização do eu, na medida em que a produção do brilhantesco social se realiza fundamentalmente pelo esmero desmedido na constituição da imagem pela individualidade. Institui-se assim a hegemonia da aparência, que define o critério fundamental do ser e da existência [...] Na cultura da estetização do eu, o sujeito vale pelo o que parece ser, mediante as imagens produzidas para se apresentar na cena social, lambuzando pela brilhantina eletrônica¹

Ainda segundo o autor, este, nos faz uma reflexão sobre como os toxicômanos, não conseguindo o brilho social e a vida performática que todos buscam na pós-modernidade, poderiam encontrar na toxicomania uma forma de acesso a essa cultura¹:

Pelo uso sistemático de drogas o indivíduo procura desesperadamente ter acesso á majestade da cultura do espetáculo e ao mundo da performance. É necessário glorificar o eu, mesmo que por meio bioquímicos e psicofarmacológicos [...] Assim, se as ditas drogas pesadas visam á exaltação nirvânica do eu, para tornar a individualidade inebriada para o desempenho da cultura da imagem, as ditas drogas medicinais visam a conter as angústias e o sofrimento para capacitar o indivíduo para as mazelas do narcisismo.¹

Assim, Birman (1946)¹ também acredita que pela falta de narcisismo necessário aos fóbicos, deprimidos e panicados, para que a performance exigida aconteça, há uma falta na inflamação do eu, não permitindo que façam parte da cena social. Com isso, a psicofarmacologia acaba sendo a saída para que os mesmos consigam fazer parte da cultura do narcisismo. “Os psicofármacos, pelo enorme efeito antidepressivo e tranquilizante, visam a transformar esses miseráveis sofredores em seres efeti-

vos da sociedade do espetáculo”¹. O autor acredita nesse sentido, que essa mesma lógica pode ser pensada para os toxicômanos, pois, “o sujeito busca, pela magia das drogas, se inscrever na rede de relações da sociedade do espetáculo e seus imperativos éticos”¹.

Toxicomania e sociedade pós-moderna e de consumo

Toxicomania como fenômeno social:

Segundo Giacobone (2012)² ao longo da história, nas mais diversas sociedades, o ato de consumir drogas sempre esteve presente e obteve diversos significados. Não é somente o sentido que é atribuído à droga que muda e sim, a forma como ela é consumida. Mas, o modo de consumir que nos interessa no presente trabalho é a toxicomania, uma forma de consumo que pode ser comparada a uma epidemia na sociedade contemporânea ao qual vivemos.

Para Giacobone (2012)² essa forma de consumo, a toxicomania, é muito similar à forma da lógica de consumo que a sociedade contemporânea nos impõe, e não deveria ser diferente, já que esse modo de consumo é importante para que o capitalismo funcione, diz o autor:

Nesse cenário, a aquisição de produtos da à sustentação á ilusão de completude. A falta, propulsora da capacidade desejante, já não é mais um vetor para a potencialidade pensante, mas surge como motor de novas práticas consumistas que presentificam um intenso investimento na tentativa de recobri-la, ou seja, na busca da inalcançável plenitude².

Segundo Giacobone (2012)², Pacheco Filho (2007)¹⁵, Stacechen e Bento (2008)¹⁶ e Gori (2010)¹⁷ a toxicomania é um sintoma da compulsão social. Com isso, podemos pensar nos toxicômanos como atores encenando toda essa compulsão, só que aqui, o objeto não é mais os bens de consumo, e sim a droga. Pacheco filho (2010)¹⁵ apud Giacobone (2012)².

A toxicomania parece ser uma patologia que encena a compulsão social de consumo, evidenciando sujeitos que padecem diante da solidão na busca de ideias e identificações que atribuam sentido á sua existência [...] Passando a ter que procurá-los nos limites estreitos da posse e usufruto de bens de consumo.¹⁵

Além de Giacobone (2012)², outros autores como Pacheco Filho (2007)¹⁵ e Stacechen e Bento (2008)¹⁶, compartilham da ideia de que, o consumo excessivo se tornou uma adicção na pós-modernidade. Diante disto, a toxicômano se transforma em um perfeito consumidor, pois o mesmo se submete ao discurso capitalista e consumista. O autor destaca “as adicções e a toxicomania como o extremo do discurso capitalista”. Stacechen e Bento (2008)¹⁶ pontua que:

Nota-se que há uma ligação direta entre o discurso capitalista do consumismo e a toxicomania, pois em ambos vê-se a promessa de uma felicidade fácil que conduzirá o indiví-

duo ao seu consumo. Neste contexto, a toxicomania é o lado sombrio e ilegal de um mundo voltado para o consumo extremo; e as adicções, de um modo geral, constituem a extensão de um modo de vida calcado no ato de consumir vorazmente.¹⁶

Pacheco Filho (2007)¹⁵, também olha para a toxicomania como um modo fracassado em lidar com o consumismo do capitalismo, pois além do consumismo, o autor chama a atenção para como o capitalismo, modificou também as relações sociais. Para o mesmo, as marcas publicitárias tem um poder enorme de determinar o valor social do que quer que seja fazendo com que haja um fascínio pela mercadoria. Assim, podemos perceber que a cultura influencia na constituição das subjetividades, e que, portanto, a estrutura toxicômana está totalmente relacionada com a cultura ao qual está contextualizada.

De acordo com Gori (2010)¹⁷ a toxicomania pode ser um meio para lidar com essa sociedade contemporânea e suas implicações como, o consumo exagerado, pois para a sociedade capitalista, é importante que esse consumo como “vício” exista para que a estrutura capitalista funcione. Por essa razão, podemos refletir sobre o que GORI (2010)¹⁷ nos traz.

O adicto de hoje testemunha, como mártir, as ilusões de uma sociedade neoliberal e fetichista [...] O adicto de hoje decompõe o espectro de uma sociedade do espetáculo e do consumo, no seio da qual a falta a ser se encontra convertida em falta a ter, onde os valores utilitários de nossas condutas tendem sem cessar a substituir nossas questões fundamentais sobre a experiência trágica da condição humana¹⁷.

Para Zornan e Chagas (2014)¹⁸, a cultura da pós-modernidade parece querer fazer com que o sujeito acredite que ele não é barrado, ou faltante. “Pois somos todos faltantes de permanência de gozo. Assim, ele passará ao longo da vida buscando nos objetos, a completude que um dia lhe foi arrancado pelo interdito”¹⁹. Ou seja, o interdito é a castração realizada pelo pai no complexo de Édipo. Porém, podemos perceber como a sociedade contemporânea não é mais que a “barra”, isto é, o sujeito como foi anteriormente na modernidade, mas sim uma sociedade que cria objetos de desejo e o influencia dizendo que ele deve gozar para que tenha a satisfação plena de seus desejos. Nesse sentido, podemos perceber um modo bem perverso inscrito nessa cultura, que diz para o sujeito que ele não é castrado, ou melhor, barrado. “O que o torna desorientado na medida em que o faz crer que tudo pode gozar”¹⁹. Como se não bastasse à mesma cultura que o faz acreditar nessa ilusão, também vende imagens e modos de ser a todo o momento, a mídia serve como grande aliada na venda desses modos de subjetivação.

Com tal efeito, as características da pós-modernidade como a do consumo, como uma adicção, tem relação

com as psicopatologias ditas atuais como a toxicomania. Mas, por que a sociedade se encontra com essa cultura do consumo excessivo? Giacobone (2012)² relata sobre como vivemos em uma cultura do desamparo, do excesso de liberdade, onde o consumo pode ser visto como uma maneira de tamponar a falta estrutural do sujeito, já que estamos inseridos em uma sociedade de valores narcisistas, que faz com que o sujeito que emerge da cultura não é mais o do recalque e sim, o da perversão, que não sabe lidar com a castração, e acredita que o consumo seja uma forma de tamponar a falta.

Assim, além do aspecto social que é o consumo, a toxicomania também estaria ligada a sujeitos que são marcados pelo desamparo, fazendo com que através dessa compulsão vinda do consumismo, o sujeito consiga obter a falta. Acerca disto discorre Giacobone (2012)²:

O uso de entorpecentes é a livre tentativa de destruição do eu, a remontagem de uma forma primitiva de descarga que considera a realidade, ou tentativa de inscrição de uma identidade em sujeitos marcados pelo desamparo e pela indiferença. Provavelmente, essas assertivas não são excluídas, e a relação do toxicômano com a droga está relacionada com uma tentativa de obturar a falta quanto com a busca desesperada de construção de si mesmo, mas tendo no horizonte a morte².

4. CONCLUSÃO

A presente pesquisa abordou como a literatura relaciona dois temas em destaque na atualidade, a saber: A toxicomania e o consumo. A questão levantada foi quais as ideologias e modos de viver da contemporaneidade que podem estar relacionados ao aumento da toxicomania?

Diante desta questão, a literatura consultada aponta que a toxicomania seria um sintoma da compulsão social, ou seja, os toxicômanos são vistos como atores que encenam a compulsão social, aparecem nesse sentido, como perfeitos consumidores, já que o ato de consumir na pós-modernidade se torna uma adicção. O sujeito emergido nessa cultura pós-moderna, possui uma prática de consumir sem medidas, na qual deve ser praticada a qualquer custo, conjuntamente se deparando com outros aspectos da pós-modernidade como o desamparo, a perda de referências e a queda da função paterna. Paralelamente a isto, este sujeito está imerso em uma cultura que parece querer fazer com que o sujeito acredite que ele não é barrado, fazendo assim, com que os sujeitos através do consumo, queiram tamponar a falta estrutural, já que a cultura não os ensina a lidar com ela, mas alardeia que isto é possível.

A toxicomania aparece aí como uma forma de obter a falta, forma esta, que encena o consumo, pois quer sempre consumir freneticamente. Com isso, percebemos

como a toxicomania está relacionada a compulsão ou ato de consumir. Assim, a toxicomania juntamente com o consumismo, aparecem como uma forma do sujeito da pós-modernidade lidar com a falta estrutural.

A guisa de conclusão, é nossa opinião que em uma cultura onde acredita-se que a satisfação plena dos desejos é possível e a mídia “vende” modelos de identificação não faltantes, esses modelos não barrados, participam, também, das identificações estruturais do sujeito pós-moderno, produzindo, em massa, indivíduos que desejam e acreditam ser possível, tamponar a falta constitutiva.

REFERÊNCIAS

- [1] Birman, J. [1946]. Mal-estar na Atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2014.
- [2] Giacobone, R.V. O sujeito e as Drogas: marcas identitárias e contemporaneidade. 2012.
<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/4964/1/00437811-Texto%2bCompleto-0.pdf> Acesso 28 de junho de 2015.
- [3] Gil AC. [1946]. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. Ed. São Paulo: Atlas. 2006.
- [4] Freud S. [1930] O mal-estar na civilização. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. 1°. 1996; 21:67-148.
- [5] Guirfinkel D. Adicções: o conceito psicanalítico de adicção. São Paulo: Casa do psicólogo. 2011.
- [6] Serreti MAT. Toxicomania: um estudo psicanalítico. Revista: Mosaico: estudos em psicologia. 2011/12; 5(1):46-60. Disponível em:
<<http://www.fafich.ufmg.br/mosaico/index.php/mosaico/article/view/106>>. Acesso em: 11 jul. 2014.
- [7] Kalina E, Kovadloff S. Drogadição: indivíduo, família e sociedade. Rio de Janeiro: F.Alves. 1980.
- [8] Guirfinkel D. A pulsão e seu objeto-droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania. Rio de Janeiro: Vozes. 1995.
- [9] Freud S. [1921]. Psicologia das massas e análise do eu. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. 1° ed. Vol 09.. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- [10] Cruz DN. A discussão filosófica da modernidade e da pós-modernidade, 2010.
http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalable/3_DANIEL_NERY.pdf
Acesso em 18 de maio de 2015.
- [11] Santi P.L.R. Consumo e desejo na cultura do narcisismo. Revista do programa de pós graduação em comunicação e praticas de consumo. 2005.
<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewArticle/52>. Acesso em 18 de maio de 2015
- [12] Cabas AGO sujeito na psicanálise de Freud e Lacan da questão do sujeito ao sujeito em questão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009.
- [13] Lasch C. A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago. 1983
- [14] Bauman Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar,

- 2001.
- [15] Pacheco FR. A. Toxicomania: um modo fracassado de lidar com a falta estrutural do sujeito e com as contradições da sociedade, 2007; 5(9):36.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S167944272007000200003&script=sci_arttext.. Acesso em 04 de março de 2015.
- [16] Stacechen LF. Bento, S, E, V. Consumo excessivo e adicção na pós-modernidade: uma interpretação psicanalítica, 2008. <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v20n2/09.pdf>. Acesso em 15 de março de 2015.
- [17] Gori R. As patologias do niilismo em nossa modernidade, Rio De Janeiro. 2010; 42:107-29.
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v42n1/v42n1a06.pdf>. Acesso em 15 de março de 2015.
- [18] Zornan FS, Chagas ATS. Mídia e novas formas de subjetivação: Discurso publicitário, consumo e novas configurações subjetivas na cultura pós-moderna. Revista do departamento de ciências humanas e do departamento de psicologia, 2014.
<http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/2094/3548> Acesso em 22 de julho de 2015.
- [19] Venancio RDO. A linguagem dos três fantasmas gozo na experiência da televisão, 2007.
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-venacio-linguagem.pdf> Acesso em 15 de agosto de 2015.

